

CLARICE MUDA

Jacques Laberge¹

Ao lado de emudecida Clarice, assisto, estupefato, ao espetáculo de dança flamenga.

Espero o canto, mas nem me chega voz. Só lamentos e modulações de fôlego. Ouço nascer o gemido antes do existir da alegria. O grito sujo assusta o suspiro. O *olé* Espanha encobre o murmúrio “viver, amar e morrer”.

O canto impaciente responde ao canto ausente quando o duro taco dos sapatos anuncia que a dança desapareceu de seu domicílio.

É guerra declarada entre o não dançarino e a não dançarina. De costas para o corpo desta mulher lâmina, subitamente o homem a rodeia e se revela companheiro e inimigo. Dela, escapa o grito de amor.

Importa só o “triunfo mortal de viver”.

Clarice Escritora

Não podia ser escritora, porque nunca mais encontrou o caderno de despesas.

Era o caderno da escritora. Ela o procurou em todo lugar, até em caixa de sapatos. “Escondida de si-mesma”, ela havia escrito umas frases sobre o Pão de Açúcar. Perdido o caderno da escritora, perdeu-se a escritora. Pois, ela nem se lembrava do texto escrito. Era sobre o Corcovado? Na esperança de descobrir senão o caderno, pelo menos uns rabiscos, suspeitou que algo estaria escondido em seus pensamentos. Mas em qual dos pensamentos? Ela não sabia dizer.

¹ Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: jacqueslaberge1@gmail.com.

Colegas,

Eu me permiti estas associações em cima de “A mudez cantada, a mudez dançada” e “A escritora” duas crônicas do fim do livro de Clarice Lispector “Para não esquecer” (e ela esqueceu onde estava o caderno da escritora). Convido cada participante da reunião de sexta-feira, 15 de abril, a fazer suas anotações em algum “caderno de despesas”. Mas, favor não esquecê-lo!

E agora, vão minhas anotações antes de esquecê-las.

A literatura ensina aos viventes falantes, entre outros, aos psicanalistas. Sófocles trouxe o mito radical de Édipo a Freud. Dostoiévski, Goethe e Shakespeare inspiram temas freudianos. A trilogia de Claudel é chamada “Tragédia do desejo” por Lacan que abre seus *Escritos* a partir de “A carta roubada” (a letra roubada) de Edgar Poe: significante e letra deslocam o significado. E Hamlet de Shakespeare recebe nova leitura via “ser ou não ser” o falo da mãe. Um dos últimos Seminários de Lacan é consagrado a Joyce que vai além da literatura até a letra.

Se Joyce é o escritor da letra, talvez possamos dizer: Clarice Lispector é a escritora do paradoxo. Mudez cantada, escrever e perder a escrita, eis umas entre centenas de expressões do paradoxo fundamental presença-ausência que constantemente aparece e desaparece em textos de Clarice. De várias crônicas do livro que podemos re-intitular - “esquecer para não esquecer” -, destaquemos uns exemplos:

Do espelho, “sua profundidade é ele ser vazio” (Os espelhos). “Tudo se transformou em não” (Por não estarem distraídos). “A prisão é a segurança, as barras o apoio para as mãos. [...] Tudo o que eu tenho agüentado – só para não ser livre...” (Paul Klee). “Andava mal, mas voava” (Um pato feio). “Há uma palavra [...] Há tanto tempo eu de medo a escondo que esqueci que a desconheço, e dela fiz o meu segredo mortal” (O segredo). “Minha própria vida, que nunca foi própria, senão quando o meu fantasma me toma” (A vez de missionária). “Qual é o nome? E este é o nome.” (Como se chama). “Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu” (A experiência maior). “Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu” (Lembrar-se). “Escrevo pela incapacidade de entender” (Aventura). “Até hoje não sabia que se pode não escrever. [...] também eu poderia não escrever. Como é infinitamente mais ambicioso. É quase inalcançável” (Um degrau acima). “Muitas borboletas, um leão

amarelo sentado, e eu sentada no chão tricotando. [...] Só existe uma ameaça: é saber com apreensão que fora dali estou perdida, porque nem sequer será floresta (A floresta eu conheço de antemão, por amor), será um campo vazio (e este eu conheço de antemão através do medo)” (Uma imagem de prazer). “Aquela música [...] estava captando a mais primária vibração do ar, como se o silêncio falasse. O silêncio falava. [...] não existe palavra que seja silêncio. (Silente light, hol. light). “Ela pensa o leque e com o leque se abana. E com o leque fecha de súbito o pensamento num estalido, sorridente, rígida, ausente” (Verão na sala). Se digo que Brasília é imagem de minha insônia vêm nisso uma acusação. Mas minha insônia não é bonita nem feia, minha insônia sou eu, é vivida, é meu espanto. É ponto e vírgula” (Brasília). “Desconfiança assustada de que Ovomaltine é bom, quem não presta sou eu” (Domingo, antes de dormir). “Havia matado tudo o que se podia matar, tentado restaurar a paz da morte em torno de nós, fugindo ao que era pior que a morte: a vida pura, a geléia viva” (A geléia viva). “O mundo parece chato [...] Porque, sempre que a gente olha o céu está em cima, nunca está embaixo, nunca está de lado” (Come, meu filho). “Aquilo que se pensou que era ‘nada’ era o próprio assustador contato com a tessitura de viver” (Submissão ao processo). “Mas como foi que transformei, sem nem sentir, a alegria de viver na grande luxúria de estar vivo?” [...]” Meu ódio é um amor irrealizado, meu ódio é uma vida ainda nunca vivida. [...] Sei que amar é mais lento. E a urgência me consome” (Uma ira). “A noite de estio não se esgarça nem amanhece, ela apenas se sudoriza na morna febre da madrugada”. “[...] É sob o grande olho acordado do mundo que tenho arrumado o meu sono, enrolando em mil panos de múmia o meu grão de insônia, que é o diamante que me coube” (Lembrança ”Criminoso por pequenez” (Um homem público). “Aquele cara morreu com vinte anos de alma. E o cara tinha morrido mas era com setenta anos de corpo” (Aniversário). “Que decepção. As três mulheres que aparecem mal se movimentam. Procura-se o ‘encanto’ feminino, e veem-se três mulheres se movendo tranquilas, como se isso bastasse. E o pior é que de repente basta” (Notas sobre dança hindu). “Se eu tivesse que dar um título à minha vida seria : à procura da própria coisa” (Aproximação gradativa).”Separava perigos do grande perigo, e era com o grande perigo que o ser, embora com medo, ficava”. [...] Tornara-se também : um sabido ignorante, um sábio ingênuo; um esquecido que muito bem sabia; um sonso honesto; um pensativo distraído; um nostálgico sobre o que deixara de saber; um saudoso pelo que definitivamente perdera; e um corajoso por já ser tarde demais. Tudo isso, contraditoriamente... [...] o ser sabia como era difícil descobrir a linha apagada do

próprio destino, como era difícil não perdê-la cuidadosamente de vista [...] Foi assim que o equívoco passou a rodear o ser. [...] Por simplificação e economia de tempo, haviam fotografado o ser. E agora, não se referiam ao ser, referiam-se à fotografia” (Perfil dos seres eleitos). “Em vida, observo muito, sou “ativa” nas observações, tenho o senso do ridículo, do bom humor, da ironia, e tomo um partido. Escrevendo, tenho observações “passivas” tão interiores que “se escrevem” ao mesmo tempo em que são sentidas quase sem o que se chama de processo” (Dois modos). “Certas páginas, vazias de acontecimento, me dão a sensação de estar tocando na própria coisa, e é a maior sinceridade” (Uma porta abstrata). “Ser mãe do mundo era o meu amor apenas livre. E foi quando pisei num rato morto. Em menos de um segundo, estava eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo, estilhava-me toda em pânico” (A vingança e a reconciliação penosa) .

Crônicas do fim de – esquecer *Para não esquecer*, “A mudez cantada” e “A escritora” retomam em sua singularidade criativa paradoxos que perpassam todo o livro. Explicitam frases anteriores: “A música”, “como se o silêncio falasse” e “uma palavra”, “esqueci que a desconheço”. “Tudo isso contraditoriamente”. Paradoxos se revelam o meio privilegiado para aproximar-se do impossível a alcançar, o “ser”, a “coisa”. “Título à minha vida seria: à procura da própria coisa”.

A vida, esticada entre ser e não ser, ter e perder, mostrar e esconder. “Escondida de si-mesma, escreveu”, sugestiva abordagem da palavra “inconsciente”. Escreveu, mas não sabe aonde, nem o que. Um murmúrio, silencioso, deixa escapar as palavras “viver, amar e morrer”. Canto que não tem voz, dança que nem é dança, definições da vida ?”.

O “triunfo mortal de viver”, trágica ausência na presença, saudável “não” na presença angustiante, falta para o desejo surgir. Ao lançar o brinquedo, a criancinha grita o-o-o-o. Quando o reencontra, se exclama: a-a-a-a. Representação da presença-ausência da mãe? Muito mais propriamente aparecimento e desaparecimento do sujeito.

“Cogito, ergo sum”, latim de Descartes, difícil, pela simplicidade, a traduzir corretamente, porque trata-se de sublinhar o eu. Pois, em português, seria “penso, então sou”. Mas, com esta frase, Descartes vem abalar os fundamentos do “ser”. Até Descartes, dominava a filosofia do ser. E cadê o sujeito ? Eis a questão. Sem esta questão cartesiana colocando em cena a subjetividade, não teria havido o terreno para o surgimento de Freud. Isso, lemos no Seminário XI de Lacan. “Je pense, donc je suis”. “Eu penso, então eu sou”. Subitamente, destaca-se o sujeito que aparece. Mas o correto do “penso, então sou” em português permite destacar o sujeito que desaparece. Sim,

aparece e desaparece. Enquanto sujeito do desejo e não do pensar. Sem o “eu penso, eu sou”, jóia da filosofia, não teria havido o acesso ao contrário, ao “não penso, não sou” do inconsciente. “Não penso porque sou pensado por pai e mãe antes de nascer e...um pouco...muito... depois. Não sou porque sou o objeto a da mãe.

Mas espera ai. A fala é uma promessa de sujeito.

Freud nos re-espera no *Além do princípio do prazer*. E Lacan observa que o jogo do *fort-da* com o objeto lançado pela criancinha indicaria menos um domínio do que uma identificação da criança ao objeto que aparece e desaparece.

Clarice muda. É adjetivo e verbo.

Filósofa da poesia, Clarice reinventa o *fort-da* freudiano. Atravessa os caminhos lacanianos do paradoxo.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.